

RETORNO A MOÇAMBIQUE

RETURN TO MOZAMBIQUE

Nilson Carlos Moulin Louzada*

“GUERRA È SEMPRE”

Primo Levi

Moçambique tem níveis brasileiros de corrupção, com a agravante de o Ministério Público ser pouco atuante e os grupos de oposição política, em sua maioria, não serem nada confiáveis. E comparar níveis de corrupção não é meramente uma abordagem moral e superficial, como agora querem alguns.

Esta constatação foi o primeiro choque de uma série, para quem retornava ao país (outubro de 2009) após 24 anos de ausência.

No período inicial, de novembro de 1977 até junho de 1986, foram 9 anos intensa e alegremente vividos.

Dado que participávamos de um projeto de “construção do socialismo”, a trincheira da educação constituiu um campo de batalha privilegiado. No período em tela, muitas das contradições entre o discurso oficial, que se pretendia dialético, mas era monolítico, e as práticas cotidianas, explosivamente paradoxais, geraram produtos de qualidade irregular. E as dificuldades materiais eram estímulos e não obstáculos. Juventude engajada e voluntarismo transbordante não bastaram para preencher a carência de quadros técnicos. As ideologias em presença geravam alianças efêmeras e, também por isso, tantas energias foram desperdiçadas...

* Tradutor de literatura italiana. Escreve livros de Educação Ambiental, neste campo fez formação de multiplicadores (Moçambique – UNESCO; Amapá)
E-mail: nilsonmoulin@gmail.com

Contudo, no âmbito individual e de pequenos grupos, moçambicanos e internacionais, nasceram amizades que ainda hoje se reconhecem e buscam retomar determinados diálogos.

Quando Luís Bernardo Honwana escreve o ensaio (2009) *A rica nossa cultura* utiliza um registro profícuo: o passado não passa (ou passa devagarinho), está dentro de nós, e nos ajuda a olhar para os lados e para a frente. Fracassos e pequenas vitórias não apontam para atalhos nem para ilhas, evidenciam sim a complexidade e a dureza das relações sociais.

Os anos de guerra foram duríssimos: primeiro, a luta contra o colonialismo português, que seguiu enraíza(n)do em alguns segmentos sociais. *Pele negra, máscaras brancas* de Frantz Fanon contribui para entender determinados contextos e litígios, porém, carecemos de ferramentas diversas para fazer análises simultaneamente mais agudas e flexíveis.

Dentre vários livros e revistas que levei para Maputo, provocou grande interesse “A versão brasileira do racismo é um crime perfeito”, entrevista do professor Kabenguele Munanga (antropologia USP) para Caros Amigos (2009). Lá como cá, a questão do racismo, com suas sutilezas e avatares contemporâneos nossos, segue na ordem do dia.

Na “segunda guerra” (1980-1992), também conhecida como “nova guerra” ou “guerra por procuração”, o governo do *apartheid* associado com portugueses saudosos do colonialismo, moçambicanos do MNR/Renamo e outros, promoveu vários massacres e destruiu grande parte da infra-estrutura de Moçambique. Toda e qualquer guerra é terrível: essa ainda mais porque foi aquela que vivi/vivemos. O superlativo de terrível se fazia concreto nos cotidianos relatos de horrores, nos dramas e carências e também nas superações que só uma guerra sabe produzir.

Passados 18 anos dos acordos de paz firmados em Roma, mesmo sem partes do corpo e sem próteses, as pessoas seguem andando e vivendo: mas quanto é duro... No decorrer desse processo ainda em curso, os enfoques políticos, excessivamente unívocos e economicistas, que usamos durante décadas, demonstraram-se frágeis e/ou insuficientes. Enfim: caducaram.

Antes de prosseguir, convém sublinhar que este registro é feito por um branco, cidadão brasileiro com ascendência européia, culturalmente híbrido (origens católicas e judias; estudos em diversos países), tendo o português como língua materna.

No cotidiano de Maputo e nas suas redondezas, impressiona muito a presença da África do Sul. Sobre “enfeudamento” à economia sul-africana já se discutia desde o período colonial lusitano. Nesta primeira década do século XXI, a parceria primordial é mais evidente: a expansão avassaladora da língua inglesa testemunha isso junto com os produtos industriais “made in South Africa”. E todos os que podem, vão sempre ao médico e ao shopping em Nelspruit e/ou Joburg.

Maputo Marques se reinventa como Maputoburg...

Com nuances locais, existe um quadro similar no Malawi, Namíbia, Suazilândia e Zimbábue.

Enquanto Lisboa perde espaço, a China se avizinha: nos aeroportos, nas construções novíssimas, nas ruas, o número de técnicos chineses indica para onde o mundo se direciona. Enquanto, por aqui, muitos acadêmicos ainda discutem apenas PIBs e outros indicadores econômicos para ler as disputas internacionais por hegemonias planetárias, “em África”, a China avança a passos largos e em inúmeros setores. E Moçambique reafirma a hegemonia chinesa em registros bem diversificados.

O Brasil, por sua vez, exercita seus músculos emergentes por intermédio de multinacionais “made in Pindorama”. Uma dúvida dentre tantas: um determinado nível de “brazilianização” poderia contribuir para gerar empregos e reinventar algumas das contradições da formação social moçambicana?

E quantos desses jogos poderão resultar efetivamente benéficos para a maioria da população negra?

Uma das ironias destes tempos post/neocoloniais: na divisão de áreas de participação internacional, Portugal se ocupa das Forças Armadas (desde formação até equipamentos), graças às experiências da guerra colonial... O *savoir faire* do período Salazar/Caetano se transformou em moeda de troca, moeda de tropa...

E não podemos deixar de inserir nas reconfigurações da agenda global 2010: O Irã é o maior fornecedor de petróleo para a África do Sul e várias empresas sul-africanas estão investindo diretamente naquele país, telecomunicações e petroquímica à frente...

No âmbito das religiões, reitera-se a expansão islâmica, fenômeno centenário, de dimensões africanas, assaz evidente hoje em Moçambique. Para além da velha mesquita na baixa de Maputo, as construções mais recentes impactam pelo número e tamanho na região metropolitana da capital.

A igreja católica, anquilosada, continua a perder espaço e fiéis para a concorrência: a Universal do Reino de Deus e outras, vão bem, obrigado... Contudo, embora o legado do cardeal Cerejeira e de Salazar tenha se fossilizado, não desapareceu. Em parte, reciclou-se nos países vizinhos, inclusive sob o manto de novas linguagens e confissões. Convém sublinhar que, somente na África do Sul vivem mais de um milhão de cidadãos portugueses.

No final de outubro de 2009, houve eleições em Moçambique: participação partidária plural, denúncias candentes de abuso da máquina oficial para angariar votos, inaugurações de obras inacabadas, tudo soava assaz familiar para um brasileiro de passagem.

“A Frelimo é que fez, a Frelimo é que faz”: propaganda muito visível e de boa qualidade. Resultado: vitória esmagadora do presidente Guebuza e do grupo

hegemônico no governo, verificando-se crescimento de setores das contraditórias oposições. A propósito dos excessos praticados, eis um contraponto de Venance Konan, escritor contemporâneo da Costa do Marfim:

“Quem, entre nossos Chefes de Estado, pode realmente dar lições de democracia e de respeito aos direitos humanos sem provocar risos.”

Porém, dado que os conceitos de **democracia** e **direitos humanos** não são tão universais quanto presumimos ou até gostaríamos que fossem...

Não podemos deixar este debate somente para ONGs (muito atuantes em Maputo e em outras províncias), mas temos sim de respeitar certas idiosincrasias africanas e moçambicanas em particular.

A propósito das organizações não-governamentais: louve-se seu desempenho no combate à difusão da AIDS e no tratamento de soropositivos, problema gravíssimo de saúde pública em Moçambique e em toda a África Austral.

Em paralelo e silenciosamente, a malária continua a ceifar milhares de vidas.

Ao caminhar pelas ruas de Maputo, sempre bela e cativante, o cheiro acre de amônia mesclado com aquele ainda mais desagradável dos resíduos de enxofre da queima de óleo diesel indica desleixo municipal e mudanças em curso.

O número de carrões (SUVs recém-lançados) é perturbador: intuitivamente, seu número deve superar aqueles que também nos agridem nas ruas de Rio / São Paulo e Brasília. Detalhe: muitos deles são conduzidos por mulheres negras bem vestidas, adiposas (mais velhas) e Naomis (mais jovens), quase sempre reluzentes de jóias de ouro, eis aqui uma novidade... As desigualdades sociais aumentam e se globalizam em ritmo vertiginoso e em formas tão similares que chegam a parecer caricaturas.

Para ampliar nosso diálogo, vale ver o filme **Invictus (The Human Factor)**. Não é fortuito que, nos 20 anos da libertação de Nelson Mandela, Clint Eastwood e Morgan Freeman, estrelas do *establishment* holywoodiano façam circular esta versão um tanto simplista, porém eficiente, do apartheid e de seu período inicial de transição. Em junho próximo, a Copa do Mundo de balípedo, que terá Johannesburg como um de seus eixos, fará com que ele volte à mídia com renovadas cores e conotações.

De qualquer modo, sul-africanos e moçambicanos ficam nos devendo versões locais deste difícil período de reconstrução da África do Sul (ou convém incluir a África Austral em seu conjunto?).

Estas batalhas em curso requerem versões mais Madiba e menos Mr. Nelson... Necessitamos de interpretações mais dialéticas.

E quem é que vai pôr o foco em Graça Machel, hoje senhora Mandela? Nascida Graça Simbine, em terras do antigo império de Gaza, como também Eduardo Mondlane e Samora Moisés Machel, ela é detentora de um capital político e simbólico nada negligenciável, que interessa a brasileiros, moçambicanos e a outras nacionalidades

e individualidades. Antes do começo da decadência política da Frelimo, enquanto ministra da Educação e primeira-dama (anos 1980) ela desempenhou um papel importante no período pós-independência.

E na ex-torre de marfim literária, continuamos a colher sugestivos paradoxos. Para nos limitarmos a 2 autores publicados no Brasil e que escrevem em inglês: Nadine Gordimer e J.M. Coetzee. Ambos sul-africanos laureados com o prêmio Nobel, ambos brancos *upper class*, ela oriunda do ramo inglês da tribo judaica e ele, provindo da tribo holandesa/boer. Gordimer mantém seu *feeling* político aguçado, sobrepondo-se por vezes às suas qualidades literárias: em dezembro de 2009, foi lançado, em São Paulo, **Beethoven era 1/16 negro e outros contos**. Bastante discutível do ponto de vista literário, revela-se mesmo assim uma boa achega aos complexos debates em andamento.

Coetzee, recentemente, abandonou a África do Sul depois da promulgação de uma lei que considerou racista: trata-se de uma daquelas leis chamadas no Brasil de “compensatórias”. Um milhão de dólares e alguns anos depois, além de seguir publicando no mais sofisticado circuito editorial planetário, o escritor vive, com menos polêmicas, entre Austrália e Nova Zelândia... Carece de um ambiente pós-colonial de matriz mais britânica? Fugiu da raia? Esperemos bem que não, porque ele é dos melhores autores em ação: **Desonra**, dentre outros, é suficiente para situá-lo bastante acima do bla-bla-blá vulgar das igrejinhas literárias e políticas.

Enfim, para uma abordagem heterodoxa da formação social moçambicana, em seu contexto africano e internacional, sugere-se mesclar ao menos as seguintes leituras:

- De Amartya Sen, **Desenvolvimento como liberdade e Sobre ética e economia**. Companhia das Letras, 2000/2001: visando repensar práticas deletéreas ainda hoje dominantes (lá e cá e acolá).

- De Roberto Saviano, **Gomorra, a história de um jornalista infiltrado na violenta máfia napolitana**. Bertrand Brasil, 2008. Também neste caso, as semelhanças entre Brasil e Moçambique não são meras coincidências. Os portos de Nápoles, Maputo e Santos, desgraçadamente, possuem imensas afinidades... E ainda não é culpa dos chineses!

- De Moeletsi Mbeki, **Architects of Poverty. Why African Capitalism needs changing**. Picador Africa, 2009. Um autor sul-africano que nos obriga a refletir para além das marolas acadêmicas, diplomáticas e midiáticas.

- De José Luís Cabaço, **Moçambique: identidade, colonialismo e libertação**. UNESP, 2009. Um autor moçambicano, ao fazer seu doutorado em antropologia na USP, consegue um distanciamento crítico do país natal que pode ser muito produtivo para leitores brasileiros. E com vasta bibliografia, estimulante em sua qualidade e abrangência.

Enfim, numa outra clave, e para brasileiros saudosistas também se reitera: Gilberto (Casagrande) Freyre não contribui nula em nossas tentativas de compreender/explicar esse Moçambique contemporâneo... Decididamente, precisamos de chaves de leitura mais sofisticadas e percucientes: o “lusotropicalismo” carece de consistência teórica, permanece enquanto registro de uma corrente literária, trata-se de uma empíria com redação fácil...

“Não vamos esquecer o tempo que passou, fascista 15 anos chamado senhor doutor...”

Tristemente, esta e outras canções dos anos 1980 estão em vias de se tornarem registros museológicos.

São Paulo, janeiro/fevereiro 2010.